



CARTOGRAFIAS DO ESPAÇO COTIDIANO

Marina Sbrocco

m183990@dac.unicamp.br¹

Manoel Felix da Cruz Neto

m183216@dac.unicamp.br²

Tânia Seneme do Canto

taniacanto@ige.unicamp.br³

Ederson Costa Briguenti

edercb@gmail.com⁴

Resumo

Este trabalho busca dividir experiências escolares vivenciadas em uma atividade de campo da disciplina de Geografia com alunos do ensino básico, em que se buscou estratégias para mergulhar em espaços cotidianos a fim de compreendê-los e evidenciá-los por meio de suas cartografias. Inspirada em uma oficina que propiciou o contato dos autores do presente artigo com recursos de mapeamento acessíveis à população, foi proposta a utilização de tais plataformas no contexto escolar. A atividade acabou por revelar a possibilidade de se pensar e estimular a apropriação de novas tecnologias relacionadas à cartografia e sua utilização nas escolas, em especial no ensino de Geografia, além de demonstrar aspectos positivos referentes à inclusão das vivências dos próprios estudantes na construção de conhecimentos.

Palavras-chave: Ensino de geografia; vivências; mapeamento.

Introdução

Após o II Workshop de Cartografia e Novos Letramentos realizado na UNICAMP no dia 7 de novembro de 2018, nós - dois pibidianos, um professor-supervisor e uma coordenadora do Subprojeto de Geografia do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) da UNICAMP - tivemos a oportunidade de compreender e vivenciar as novas práticas de

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas.

² Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas.

³ Professora Doutora no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas.

⁴ Professor Doutor na E.E. Luiz Gonzaga Horta Lisboa.

Trabalho produzido no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Geografia. Agência de fomento CAPES.

mapeamento existentes na atualidade a partir do desenvolvimento das tecnologias digitais, como é o caso do aplicativo analisado no workshop chamado *GPS Essentials*. Nesse contexto, e durante as aulas de Geografia, propusemos uma atividade de campo no Jardim Miriam – bairro onde está inserida a Escola Estadual Prof. Luiz Gonzaga Horta Lisboa –, pensando na utilização do aplicativo supracitado com alunos dos dois 9ºs anos do ensino fundamental.

A aula de campo foi estruturada visando a possibilidade de valorização e representação das cartografias do cotidiano, em que os estudantes – boa parte, moradores do bairro da escola, pudessem participar da construção da análise do trajeto por meio de descrições, interpretações e percepções a partir de suas próprias vivências e lembranças. Buscando ligar os indivíduos ao território, a proposta de ensino objetivou dar mais visibilidade a atores auto-reconhecidos nas suas mobilizações e interesses no cotidiano local, “sob a hipótese de que, nesta relação, ambos irão se transformar” (ACSELRAD e COLI, 2008, p.38). Como na visão do geógrafo Jöer Seemann (2013), a prática cartográfica é considerada essencialmente social por ser capaz de realizar um diálogo entre diferentes atores, o que possibilita a expressão de percepções individuais e culturais dos alunos no meio social onde estão inseridos.

Como analisa Briguenti (2014), mapeamentos produzidos em um contexto escolar, com dinâmicas e processos de socialização, colaboram para romper com a concepção do mapa como arquivo morto ao envolver informações e expressões que podem ser reveladas, contestadas e completadas. Este mapa, ao contrário de uma realidade fixa, desenvolve-se sendo redesenhado sucessivamente diante de imaginários, pontos de vistas e percepções dos alunos, sendo estas – por meio da expressão cartográfica – postas em diálogo no contexto escolar. Doreen Massey (2009, p. 163) aponta que “o fechamento ao qual os mapas – e seus autores – aspiram pode, assim, ser contestado a partir de dentro. É uma objeção que tem como objetivo desorganizar ‘o mapa ocidental clássico’ de vários modos”.

Outra inspiração surgiu da obra “Cartografia Sentimental”, em que Rolnik (1989) discorre sobre a ideia de que paisagens psicossociais também são cartografáveis. Para a professora e psicanalista, essa cartografia acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanche de certos mundos – pela perda de sentidos e a formação de outros –, mundos que



se criam para expressar sentimentos, relações e comportamentos que tornam os universos vigentes obsoletos.

Nos processos de aprendizagem, constatamos que a cartografia trabalhada na sala de aula baseia-se predominantemente no modelo científico normativo e, dessa forma, pouca ênfase é dada às práticas cotidianas e aos “mapas na nossa mente” (SEEMANN, 2003), os quais não obedecem a regras matemáticas e pensamentos geométricos.

Diante deste quadro educacional, cabe enfatizar, pelas palavras de Seemann que:

Símbolos na cartografia não seriam fatos consumados, apresentados como soluções prontas ou regras inquestionáveis, mas manifestações gráficas que teriam como base a criatividade e o poder de expressão de cada um. Essa simbolização de baixo para cima dá mais atenção e importância aos produtores e leitores de mapas e seus contextos socioculturais, políticos e econômicos. (2013, p. 44).

À luz das referências anteriores, pensemos na seguinte questão: como o professor de Geografia pode proporcionar a incorporação de formas alternativas de representação de saberes locais em suas práticas pedagógicas? Tal questionamento é capaz de incentivar a reflexão docente no sentido de destacar aspectos essenciais nos processos de aprendizagem no ensino de Geografia, dentre eles os aspectos metodológicos envolvidos na relação existente entre os conhecimentos cotidianos e os mais conceituais e sistematizados. O mapa pode contemplar ambos os aspectos, pois os signos nele empregados e sistematizados são mediadores de processos pedagógicos e mentais. Assim, a cartografia escolar pode, segundo Seemann (2003), exercer a função de tornar visíveis pensamentos, sentimentos, atitudes, tanto sobre a realidade percebida, quanto sobre o mundo da imaginação; para o autor, as “representações espaciais oriundas da mente humana precisam ser lidas como mapeamentos (= processos) e não como produtos estáticos.” (p. 3).

Problematização

Ao planejarmos o conjunto da atividade, surgiram alguns questionamentos que nortearam nossas reflexões: qual seria, exatamente, a função do mapeamento? O que os registros e fotos deveriam expressar? Quais os objetivos do trabalho de campo com o uso das TICS e da cartografia? Qual trajeto iríamos percorrer e em quais pontos deveríamos parar?

Tais questões evidenciaram a relevância e posterior criação de estratégias no que se refere ao envolvimento dos alunos na construção participativa de uma prática escolar, abordando múltiplos significados que as cartografias do espaço cotidiano podem revelar por meio da exaltação e representação de olhares e vivências.

Objetivos

Os objetivos foram a utilização de recursos de aplicativos digitais de geotecnologias acessíveis a fim de explorar com os alunos sensações e percepções espaciais, buscando construir formas alternativas de representação cartográfica acerca de espaços cotidianos repletos de lembranças e contrastes.

Procedimentos metodológicos

Para definirmos como utilizaríamos os recursos tecnológicos e qual seria o trajeto do campo, testamos alguns programas que foram apresentados na oficina. Vimos como poderíamos utilizar o *Google Maps* e o *Google Earth* para importar os dados gerados no aplicativo *GPS Essentials*, o qual deveria ser utilizado pelos alunos para mapear o trajeto, fotografar e registrar observações feitas em campo. Percebemos que alguns aplicativos e funções eram mais apropriados, considerando o viés prático e participativo que buscávamos. Acessamos também o recurso *Field Papers*, da plataforma *Open Street Maps*, para fazer um recorte da área que percorreríamos com os alunos. Decidimos entregar para cada grupo um mapa da área, o qual deveria ser igualmente utilizado pelos alunos para registrar suas percepções e sensações espaciais. A atividade, então, ficou organizada da seguinte maneira:

- Início da atividade às 7h30m;
- Apresentação da proposta para os alunos, seguida da divisão da turma em grupos, da instalação do aplicativo nos celulares e da entrega do material;
- Saída para o campo no bairro da escola; alguns pontos de parada definidos foram: faculdade abandonada, lago, muro do condomínio Alphaville, praça para o lanche e retorno à escola;



- Posteriormente, em uma sala equipada por computador, projetor e internet, fazer a compilação dos registros feitos pelos alunos no aplicativo e na câmera do celular;

Esse último momento da atividade foi pensado por nós com o objetivo de que os alunos se vissem no mapa a partir de seus registros, instigando-os a continuarem mapeando seus espaços cotidianos com as tecnologias, e dando visibilidade as suas percepções e relações com os lugares em que vivem.

Descrição e percepções da atividade

Inicialmente seguindo a organização proposta, dividimos os estudantes em alguns grupos para que eles marcassem as paradas da atividade no aplicativo pelo celular e, em uma folha, descrevessem algumas características, impressões e sensações neles causadas. O trajeto se iniciou com a saída de todos da escola em direção à faculdade abandonada. No meio do caminho, entretanto, deparamo-nos com um pé de lichia que rapidamente foi “atacado” para a coleta da fruta, até o momento em que uma senhora, moradora de uma casa em frente à lichieira e que, aparentemente, ajudava no cuidado das plantações da rua, advertiu nossa atitude alegando que era preciso esperar o amadurecimento das frutas. Após saborearmos o azedume das lichias verdes e da bronca, decidimos marcar esse momento como o primeiro ponto da trajetória.

Seguimos andando na mesma rua e paramos em uma pequena praça na calçada. Pediu-se para que os alunos descrevessem o que sentiam. O lugar era tranquilo e havia alguns bancos de concreto improvisados embaixo da sombra de algumas árvores que deixavam o ambiente bem fresco. Próxima dos bancos e cercada por um alambrado, havia uma horta cheia de verduras e legumes que, provavelmente, era cuidada por alguém da vizinhança. Como uma forma de brincadeira e um pouco antes de seguirmos o caminho, o professor colocou a casca de uma cigarra na camiseta de uma das alunas, o que, além de gerar uma boa foto, causou um momento de descontração, por meio do contato dos alunos com elementos encontrados em campo. Seguindo por uma rua de terra estreita e esburacada, coberta de entulho – aparentemente devido às tentativas de amenizar os efeitos da erosão –, um aluno se lembrou que ali “levou um tombo” de bicicleta.

Durante o caminho à faculdade, seguimos em uma trilha em meio à grama alta que levava até o prédio abandonado. Nesse ponto, o peso da vivência dos alunos já se mostrou preponderante: grande parte deles já tinha o lugar como um destino dos passeios que fazem entre amigos no bairro, e, assim, foram rapidamente ocupando aquele espaço, correndo, brincando, andando ligeiramente sobre as estreitas vigas, tirando fotos, e transformando o cenário relativamente assustador da construção abandonada em um verdadeiro parque de diversão. Qual outro momento uniria professores e alunos em um prédio repleto de abandono e riscos? Nesse momento, ficou claro pra nós que propósito pedagógico de cartografar os espaços e relações das geografias cotidianas alcançou este feito, presenteando-nos com a experiência de adentrar em um espaço escondido ou não permitido. A experiência cotidiana mais uma vez veio à tona, revelando uma dinâmica de relações com o espaço onde “os fracos não tem vez”, e extrapolando, assim, as relações pedagógicas escolares mais tradicionais que, na maioria das vezes, não incorporam tais vivências.

Abortamos a ida até o lago em virtude da altura do mato e voltamos para a via, seguindo para a casa de um dos alunos para pegar água. Na frente da casa, mais uma árvore marcou nosso percurso; desta vez, uma enorme mangueira. Os alunos pegaram algumas mangas e tomaram muita água. Nesse momento, chegaram de carro o avô e o irmão do aluno morador da casa e conversaram um pouco com um grupo de alunos.

Posteriormente, pensamos que seria oportuna uma parada para um lanche. Caminhamos até uma esquina com sombra em frente à igreja do bairro. Os alunos haviam dito em sala que não tinham levado lanche e, assim, pretendiam comprá-los. Foi o que fizeram. Cada um deu um pouco de dinheiro e os estudantes conseguiram comprar refrigerante, pão e mortadela. Enquanto alguns alunos providenciavam o lanche, dois ou três alunos desapareceram do grupo muito rapidamente, e voltaram com suas bicicletas. Assim, enquanto lanchávamos, eles faziam suas manobras e entretinham a turma. Era como se estivessem em casa. Aliás, eles estavam. Houve também, nesse momento, o surgimento de uma bola que, provavelmente, estava guardada a esperava do momento oportuno para sair da mochila e ganhar a atenção de todos ao rolar no asfalto quente procurando os pés dos craques. Rapidamente, os alunos se transformaram em atacantes e goleiros, relevando-nos que no espaço das relações cotidianas a aula também é de campo (de futebol). Essa situação provocou olhares, chutes e embaixadas



aos que “iam e vinham” no dia a dia do bairro, favorecendo interações distintas das habituais entrevistas de campo, e tornando a atividade ainda mais orgânica, riquíssima em representações e significados para uma cartografia de relações cotidianas. Além de proporcionar pedaladas de professores e alunos, foi interessante observar como o fluxo de veículos na avenida principal do bairro não parecia ser um risco relevante para os alunos, mas sim um cenário perfeito para que esses atores principais demonstrassem suas habilidades cotidianas para seus colegas e professores, habilidades que a escola, por vezes, esconde e reprime.

Ao continuar a caminhada, passamos a seguir completamente direcionados pelos alunos, que orientavam o melhor caminho (mais rápido e plano) para chegar a determinada esquina, um ponto culminante que possibilitava uma visão ampla do condomínio Alphaville, loteamento fechado de alto padrão que faz divisa com o bairro da escola. O local foi propício para visualizar e revelar de maneira contrastante as diferenças sociais da cidade. Esse momento foi, na nossa visão, uma das partes mais interessante da saída de campo, uma vez que os estudantes, contando com algumas provocações do professor, puderam refletir em conjunto sobre o que o muro do condomínio representa para eles. As principais falas fizeram referência à desigualdade social que se concretiza com a construção dos muros, os quais acabam por indicar maior segurança, privacidade e qualidade de vida do que seu entorno; mas apesar de tais benefícios da vida no condomínio, a ideia da existência de um maior convívio e criação de laços nas vizinhanças que não se encontram cercadas por muros também fez parte da discussão, estimulando um olhar mais crítico em relação à segregação socioespacial representada pela existência e proliferação dessas edificações.

Após a conversa, começamos a descer e voltar em direção à escola, dessa vez por um caminho diferente, visando explorar melhor o bairro. Primeiro, fizemos uma pequena parada em um parquinho onde aproveitamos para descansar, descontrair e aliviar o calor em meio às árvores. Depois, seguimos até fazer uma pausa rápida para pegar mangas e tirar uma foto de toda a turma junta. Um pouco mais adiante, parte dos alunos entrou em uma pequena mata e foram caminhando sobre as pedras de um riacho até chegaram a um trecho que impossibilitava continuar a caminhada e decidiram voltar para o restante da turma.

A partir daí, continuamos o caminho de volta e, depois de andarmos por quase todo o bairro, já estávamos próximos à escola, não demorando muito para voltarmos à sala de aula,

onde ainda trocamos e dividimos um pouco das histórias e registros, percepções essenciais na construção de cartografias cotidianas.



Fotografias tiradas na atividade de campo.

Cartografias do Espaço Cotidiano



Considerações finais

A flexibilidade na realização do trajeto, incorporando maior autonomia aos estudantes, favoreceu o aparecimento de suas vivências, as quais enriqueceram grandemente a atividade. Elementos do cotidiano dos estudantes foram surgindo, como bola, bicicletas, subidas em pés de manga etc., acarretando em situações que acabaram por deslocar, de certo modo, o foco da atividade antes fortemente ligado ao uso do aplicativo. Assim, os alunos foram subvertendo nossa prática pedagógica, dando a ela ainda mais significados ao revelarem seus percursos, práticas e relações com o lugar onde vivem.

Não se tratava mais, assim, apenas de mapearem seu espaço cotidiano por meio de suas percepções e sentidos, mas também de nós, professores e pibidianos, reconhecermos a cartografia que se constituía naquele tempo e espaço pela performance dos alunos; uma cartografia em aberto, sem caminho pré-determinado, e, talvez exatamente por este motivo, ainda mais potente na produção de sentidos para o espaço. Diante disso, pudemos refletir sobre qual era o papel das tecnologias que estávamos usando. Os sentidos delas estariam nos mapas que são capazes de gerar ou nas experiências que podem disparar? Começamos a atividade com maior foco nos mapas, mas terminamos descobrindo experiências e procurando encontrar

para os mapas gerados um outro sentido no contexto da atividade. Para isso, observamos, interagimos, registramos momentos, tiramos fotografias e mapeamos alguns pontos de maneira mais aleatória, sem nos preocuparmos estritamente com as paradas, as percepções dos alunos ou o tempo, apenas assumimos a possibilidade que as tecnologias nos davam naquele momento, criando mapa em processo, ou seja, mapas sem trajeto dado, mas construídos no próprio percurso.

Dessa forma, o domínio do espaço do bairro por parte dos alunos nesse trabalho de campo denunciou a real necessidade de, por meio das inúmeras possibilidades das tecnologias digitais disponíveis, por exemplo, estimular a participação dos estudantes na formulação e produção de conhecimentos que lhes dizem respeito, aproximando, assim, a prática da teoria, a relação professor-aluno, e reconhecendo e valorizando os diferentes olhares sobre as formas e conteúdo que nos cercam.

Referências bibliográficas

ACSELRAD H. e COLI L. R. Disputas territoriais e disputas cartográficas, In. Acselrad, H. (org.) **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

BRIGUENTI, E. C. **Cartografia e contexto**: a linguagem simbólica e as múltiplas relações cotidianas mediando o ensino de geografia. Tese de doutorado – Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 2014.

MASSEY, D. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Rogério Haesbaert, Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

SEEMANN, J. **Mapas e percepção ambiental**: do mental ao material e vice-versa. Rio Claro: OLAM – Cienc. & Tec., vol 3, nº 1, p.200 – 223, set. 2003.

SEEMANN, J. **Mapas, Mapeamentos e a Cartografia da Realidade**. Geografares, Vitória, nº 4, jun. 2003b.

SEEMANN, J. **Carto-crônicas**: uma viagem pelo mundo da cartografia. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SEEMANN, J. **Mapas e suas “agendas escondidas”**: proposta para uma “cartografia crítica” no ensino de geografia. Anais do 7º encontro nacional de prática de ensino de Geografia. Vitória/ES – UFES - Setembro/2013. 2013b.



14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia
Políticas, Linguagens e Trajetórias
Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.